

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA**

**DISFAGIA: CAPACITAÇÃO E MULTIPLICAÇÃO DE CUIDADOS EM ESCOLA DE
EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Eros Gabriel Pinheiro de Souza
Larissa Monteiro de Almeida Rodrigues
Nathália Machado Vieira de Oliveira
Carla Manfredi dos Santos
Matheus Francoy Alpes

Sorocaba

2024

RESUMO

Introdução: A disfagia é uma condição que compromete a capacidade de engolir alimentos e líquidos de forma adequada, podendo resultar em sérios problemas na qualidade de vida, no estado nutricional e na hidratação, além de apresentar riscos de morte. Essa dificuldade de deglutição é comum em pessoas com necessidades especiais, como Síndrome de Down, Paralisia Cerebral e Transtorno do Espectro Autista. Fatores de risco para a disfagia podem ser identificados por qualquer pessoa que receba treinamento adequado de um fonoaudiólogo. Portanto, é crucial que os educadores de pessoas com disfagia sejam treinados para reconhecer sinais e oferecer um manejo alimentar apropriado. **Objetivo:** Capacitar educadores de indivíduos com disfagia para oferecer cuidados alimentares adequados e prevenir complicações associadas a esta condição. **Métodos:** As oficinas foram realizadas em uma instituição pública de educação especial destinada a professores de pessoas com disfagia orofaríngea, com foco em estratégias de manejo alimentar. Avaliações foram realizadas antes e após as oficinas para medir o impacto no conhecimento e na satisfação dos participantes. Além disso, foi distribuído material informativo aos educadores. Os dados coletados foram organizados em tabelas no Excel® e analisados por meio de estatística descritiva. **Resultados:** Todas as participantes (dez) eram mulheres com ensino superior completo. Quando questionadas sobre a compreensão do termo "disfagia", sete (70%) afirmaram compreender um pouco sobre o assunto e referente à habilidade em identificar sinais de disfagia em indivíduos com deficiência, seis (60%) dos participantes se consideraram pouco hábeis. Os resultados revelaram uma melhoria expressiva no entendimento da disfagia após as oficinas, com nove (90%) dos participantes relatando maior segurança no reconhecimento e manejo dos sinais desta condição, sendo que, todas os participantes (100%) reconheceram uma "contribuição significativa" para o aumento de seu conhecimento na área. **Conclusão:** Este estudo ressalta a importância da capacitação contínua e a necessidade de ampliar iniciativas educativas na área, promovendo um ambiente alimentar seguro e melhorando a qualidade de vida das pessoas com disfagia.

Palavras-chave: transtornos de deglutição; cuidadores; educação especial; alimentação.

ABSTRACT (opcional)

Introduction: Dysphagia is a condition that impairs the ability to swallow food and liquids properly, potentially resulting in severe issues affecting quality of life, nutritional status, and hydration, as well as posing life-threatening risks. This swallowing difficulty is common

among individuals with special needs, such as those with Down Syndrome, Cerebral Palsy, and Autism Spectrum Disorder. Dysphagia risk factors can be identified by anyone who has received appropriate training from a speech therapist. Therefore, it is crucial that caregivers of individuals with dysphagia are trained to recognize signs and provide proper feeding management. **Objective:** To train educators of individuals with dysphagia to offer adequate feeding care and prevent complications associated with this condition. **Methods:** Workshops were held in a public special education institution for teachers and caregivers of people with oropharyngeal dysphagia, focusing on feeding management strategies. Assessments were conducted before and after the workshops to measure participants' knowledge and satisfaction. Additionally, informational materials were distributed to caregivers. Data collected were organized into tables in Excel® and analyzed using descriptive statistics. **Results:** All participants (ten) were women with completed higher education. When asked about their understanding of the term "dysphagia", seven (70%) said they understood a little about the subject and regarding the ability to identify signs of dysphagia in individuals with disabilities, six (60%) of the participants considered themselves somewhat skilled, The results revealed a significant improvement in the understanding of dysphagia after the offices, with nine (90%) of the participants reporting greater confidence in recognizing and managing the signs of this condition, and all participants (100%) considered it a "significant contribution " to increase your knowledge in the area. **Conclusion:** This study emphasizes the importance of continuous training and the need to expand educational initiatives in the area, promoting a safe feeding environment and improving the quality of life for people with dysphagia.

Keywords: swallowing disorders; caregivers; special education; feeding.

1. INTRODUÇÃO

A disfagia é uma condição que afeta a capacidade de engolir alimentos e líquidos de forma adequada. Pode ocorrer em crianças, adultos e idosos, podendo levar a graves consequências na qualidade de vida, no estado nutricional e na hidratação, além de trazer risco de morte (SASEGBON, HAMDY, 2017). É causada por diversas condições, incluindo prematuridade, doenças neurológicas e neuromusculares, além de traumas e neoplasias (PERNAMBUCO et al., 2021).

Essa dificuldade ao deglutir é uma condição comum em pessoas com necessidades especiais, como Síndrome de Down, Paralisia Cerebral, Transtorno do Espectro Autista, entre outras (SULLIVAN et al, 2000). Os fatores de risco para disfagia podem ser detectados por qualquer

pessoa mediante treinamento prévio e observação de dois ou mais sintomas como presença de doenças neurológicas, sinais clínicos durante ou após as refeições (tosse, engasgos, cansaço), ocorrência de pneumonias de repetição, alterações na funcionalidade da alimentação (dependência motora para se alimentar, tempo aumentado das refeições, necessidade de mudança na consistência da dieta para facilitar a deglutição) e perda de peso involuntária (FELIX et al, 2017).

O fonoaudiólogo é o profissional responsável por avaliar a função de deglutição, contribuir no diagnóstico e etiologia da disfagia, avaliar a capacidade de proteção do sistema respiratório e indicar vias alternativas de alimentação, quando necessárias. Do mesmo modo, realiza intervenção direta e indireta com o paciente, além de orientar equipe e família em relação a melhores atitudes acerca da alimentação (MAGGIONI, ARAÚJO, 2020). Orientações quanto à forma, temperatura e consistência ideais dos alimentos, utensílios, posturas e comportamentos facilitadores da oferta oral também são atribuições do fonoaudiólogo. Isso promove segurança na alimentação e, conseqüentemente, impacta na saúde e qualidade de vida dos pacientes (ARVEDSON, 2013). A atuação fonoaudiológica ultrapassa as barreiras físicas do ambiente clínico/ambulatorial e pode ocorrer também em escolas regulares e especiais.

A educação especial foi por muito tempo considerada um tipo de educação paralela. Nos dias de hoje, essa educação é uma modalidade que faz parte da educação regular e perpassa todos os níveis de ensino. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu art. 58: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996).

O educador escolar tem um papel fundamental no processo de inclusão do estudante com alguma deficiência física, intelectual e/ou transtorno específico, pois o auxilia nas atividades de alimentação, higiene e locomoção e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária à sua presença (FREIRE, BRITO, SILVA, 2019). Além disso, o educador é presença essencial na alimentação, de modo que precisa conhecer e praticar meios para oferecer uma alimentação de forma segura.

A fim de evitar complicações e reduzir estresse de educador e aluno, orientações de práticas e cuidados alimentares são essenciais e precisam ser satisfatórias e efetivas (QUEIROZ, ARAKAWA-BELAUNDE, 2018). No entanto, é possível que orientações focadas na alimentação não sejam realizadas de forma efetiva aos educadores que, desse modo,

constroem conceitos e práticas a respeito dos cuidados na alimentação e nutrição, baseando-se em experiências próprias e diárias (ZAPATA, 2011).

Desta forma, é de suma importância que os educadores de pessoas com disfagia sejam capacitados a identificar sinais de alteração da deglutição, fornecer cuidados adequados e prevenir futuras complicações nesta população como desnutrição e pneumonia, motivo de interesse do atual projeto.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi capacitar educadores de indivíduos com disfagia para oferecer cuidados alimentares adequados e prevenir complicações associadas a esta condição.

2. MÉTODOS

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Sorocaba, sob número 6.424.305. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo a normativa 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisa foi empírica de caráter descritivo e interventivo e foi dividida em quatro etapas essenciais para atingir os objetivos propostos:

Etapa I - Levantamento da Demanda: Inicialmente foi realizada uma reunião com a coordenação pedagógica da instituição e os professores, visando identificar as principais necessidades relacionadas à capacitação sobre a disfagia. A partir das informações obtidas foi traçado um perfil das demandas de treinamento, com temáticas voltadas para o manejo adequado da alimentação em pessoas com disfagia.

Etapa II - Elaboração e Execução das Oficinas: Com base nas demandas identificadas na Etapa I, foram desenvolvidas cinco oficinas com as seguintes temáticas: 1-fisiologia da deglutição; 2- sinais e sintomas de alteração da deglutição; 3- disfagia orofaríngea- definição e causas; 4- uso de vias alternativas de alimentação; 5- manejo e estratégias facilitadoras de alimentação. Foram utilizados recursos lúdicos (como teatro, modelo anatômico em isopor, etc) para facilitar a comunicação das informações. As oficinas ocorreram presencialmente na instituição participante, em horários previamente acordados com a equipe, uma vez por semana, com duração de 1 hora cada, em um total de cinco encontros.

Etapa III - Elaboração de Questionário de Conhecimento e Satisfação: Um questionário foi desenvolvido pelos autores para avaliar o conhecimento dos professores antes e após as oficinas (Questionário de Conhecimento Pré e Pós-oficina), bem como sua satisfação com o conteúdo oferecido (Questionário de Satisfação). Esse instrumento foi aplicado no início da

primeira oficina e ao final da última, buscando medir o impacto das capacitações no conhecimento dos participantes e nível de satisfação dos mesmos.

Etapa IV - Elaboração de Material Informativo: Por fim, foi produzido e impresso um material informativo baseado nos conteúdos desenvolvidos durante as oficinas, o qual foi entregue aos professores e à equipe pedagógica. Esse material teve como objetivo reforçar os conhecimentos adquiridos e servir de apoio para o manejo diário das pessoas com disfagia. Também foram afixados materiais informativos em áreas comuns da instituição para facilitar o acesso às informações.

Participaram do estudo 10 professores de uma instituição pública de educação especial localizada em um município do interior do Estado de São Paulo. A instituição selecionou previamente os professores participantes (por conveniência).

Para a análise dos dados coletados neste estudo foram empregadas técnicas de estatística descritiva, uma vez que a principal finalidade foi descrever e sumarizar as características dos dados obtidos das oficinas e dos questionários aplicados. Após a coleta, os dados foram categorizados e organizados em uma planilha do *Microsoft Excel*®.

3. RESULTADOS

A amostra deste estudo foi composta exclusivamente por mulheres, com idade variando entre 27 e 42 anos (média de idade 34 anos). Todas as participantes possuíam nível superior completo, sendo que algumas também eram pós-graduadas em educação especial.

A análise dos dados do Questionário de Conhecimento Pré-oficina revelou o nível inicial de conhecimento e familiaridade dos participantes com relação à disfagia e seu manejo. Dos participantes, oito (80%) responderam não ter recebido nenhum treinamento prévio sobre disfagia e alimentação adequada para os alunos. Quando questionados sobre a compreensão do termo "disfagia", sete (70%) afirmaram compreender um pouco, enquanto três (30%) declararam não ter nenhuma compreensão sobre o assunto.

No que diz respeito à habilidade em identificar sinais de disfagia em indivíduos com deficiência, seis (60%) dos participantes se consideraram pouco hábeis, três (30%) disseram não saber identificar os sinais, e apenas um (10%) se sentiu muito hábil. Além disso, cinco (50%) dos participantes indicaram estar familiarizados com os riscos associados à disfagia, enquanto três (30%) não possuíam esse conhecimento e dois (20%) consideraram ter pouco conhecimento. Quanto às dificuldades ao alimentar uma criança com disfagia, três (30%) dos respondentes reconheceram não ter dificuldades, cinco (50%) afirmaram ter alguma dificuldade, e apenas dois (20%) apresentaram problemas nesse aspecto. No entanto, cinco

(50%) dos participantes se sentiam confortáveis para auxiliar uma pessoa com disfagia de forma segura e eficaz, ao passo que cinco (50%) não se sentiam preparados. Quando questionados sobre as estratégias que utilizavam para lidar com a disfagia, seis (60%) mencionaram alguma estratégia específica, como uso de alimentos de diferentes texturas e adaptação do ambiente de alimentação, enquanto quatro (40%) indicaram não utilizar nenhuma estratégia. Por fim, apenas quatro (40%) dos participantes afirmaram ter conhecimento sobre o papel da Fonoaudiologia no manejo da disfagia. Os dados estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1 – Resultados da aplicação do Questionário de Conhecimento Pré-óficina.

Perguntas	Opções de resposta	Porcentagem (%)
1. Já recebeu algum tipo de treinamento antes sobre disfagia e manejo da alimentação?	Sim	20%
	Não	80%
2. Qual é a sua compreensão atual sobre o termo "disfagia"?	Compreendo muito	-
	Compreendo um pouco	70%
	Não tenho compreensão sobre o termo	30%
3. Como você descreveria sua habilidade atual de identificar sinais de disfagia em indivíduos com deficiência?	Muito hábil	10%
	Pouco hábil	60%
	Não sei identificar sinais de disfagia	30%
4. Você está familiarizado com os riscos associados à disfagia?	Sim	50%
	Não	30%
	Um pouco	20%
5. Você apresenta dificuldades em alimentar uma pessoa com disfagia?	Sim	20%
	Não	30%
	Um pouco	50%
6. Você se sente confortável em ajudar uma pessoa com disfagia a se alimentar de forma segura e eficaz?	Sim	50%
	Não	50%
7. Você atualmente utiliza estratégias para lidar com a disfagia em indivíduos sob seus cuidados?	Utilizam estratégias	60%
	Não utilizam estratégias	40%
8. Você sabe qual é o trabalho da Fonoaudiologia na disfagia e manejo alimentar?	Sim	40%
	Não	60%

Fonte: Elaborado pelos autores

No questionário de Conhecimento Pós-oficinas, observou-se que nove (90%) participantes relataram que sua compreensão do termo melhorou significativamente após a participação, enquanto um (10%) indicou uma leve melhora no entendimento. Quanto à habilidade para identificar sinais de disfagia em pessoas com necessidades especiais, cinco (50%) dos respondentes relataram se sentir significativamente mais capazes de reconhecer esses sinais após as oficinas e cinco (50%) afirmaram ter melhorado um pouco suas habilidades de identificação. Em relação ao conhecimento adquirido sobre as ações de manejo da disfagia, oito (80%) participantes afirmaram ter aprendido muito durante as oficinas e dois (20%) indicaram ter aprendido um pouco mais sobre o assunto.

No que diz respeito à implementação de estratégias específicas para o manejo da disfagia, cinco (50%) dos participantes começaram a aplicar regularmente o que foi aprendido nas oficinas, enquanto dois (20%) relataram implementação ocasional das estratégias e outros três (30%) ainda não haviam aplicado às mudanças. Dentre aqueles que implementaram as estratégias, todos (100%) consideraram as mudanças eficazes ou muito eficazes para o manejo alimentar de pessoas com disfagia.

Além disso, seis (60%) participantes conseguiram identificar melhor como a Fonoaudiologia pode ajudar no manejo da disfagia. Os quatro (40%) restantes não responderam a essa questão (Tabela 2).

Tabela 2 – Resultados da aplicação do Questionário de Conhecimento Pós-oficinas

Perguntas	Opções de resposta	Porcentagem (%)
1. Após a participação nas oficinas, como você descreveria sua compreensão da disfagia?	Melhorou significativamente	90%
	Melhorou um pouco	10%
	Não houve melhoria	-
2. Você agora se sente capaz de identificar sinais de disfagia após a oficina?	Sim, definitivamente	50%
	Sim, um pouco mais	50%
	Não houve melhoria	-
3. Você adquiriu conhecimento sobre os riscos associados à disfagia durante a oficina?	Sim, aprendi muito	80%
	Sim, aprendi pouco	20%
	Não aprendi nada novo	-
4. Desde o início das oficinas, você implementou alguma das estratégias ou informações aprendidas para melhorar o manejo alimentar dos indivíduos sob seus cuidados?	Sim, regularmente	50%
	Sim, ocasionalmente	20%
	Não implementei	30%
5. Se você respondeu SIM na questão anterior, como você avalia a eficácia das mudanças ou estratégias que você implementou em relação ao manejo da disfagia após a oficina?	Muito eficazes	70%
	Pouco eficazes	-
	Não eficazes	30%
6. A partir da sua experiência nas oficinas, você saberia dizer como a Fonoaudiologia pode ajudar na disfagia e manejo alimentar?	Sim	60%
	Não	40%

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados do Questionário de Satisfação aplicado após as oficinas indicaram que em relação à satisfação geral com as oficinas, nove (90%) participantes se declararam "muito satisfeitos" e um (10%) "um pouco satisfeitos".

Quando questionados sobre a qualidade das informações apresentadas durante a oficina, todos os dez participantes (100%) classificaram o conteúdo como "muito satisfatório". A respeito do atendimento às expectativas, sete (70%) dos respondentes afirmaram que a oficina atendeu totalmente às suas expectativas, enquanto três (30%) indicaram que as expectativas foram atendidas apenas parcialmente.

Sobre o material didático utilizado, incluindo aulas, vídeos e folders explicativos, oito (80%) dos participantes sentiram que o material atendeu totalmente às suas expectativas e dois (20%) relataram que atendeu apenas parcialmente. No que se refere à contribuição da oficina para o conhecimento sobre disfagia e manejo alimentar, todos os participantes (100%)

reconheceram uma "contribuição significativa" para o aumento de seu conhecimento na área. Finalmente, quatro (40%) dos participantes optaram por não responder à seção de críticas ou sugestões, enquanto seis (60%) forneceram *feedback*, mencionando aspectos como o tempo curto da oficina e o desejo de mais prática e aprofundamento em algumas manobras específicas, conforme relatado na Tabela 3.

Tabela 3 – Resultados da aplicação do Questionário de Satisfação

Perguntas	Opções de resposta	Porcentagem (%)
1. Qual é o seu nível de satisfação geral com as oficinas sobre disfagia e manejo alimentar que você participou?	Muito satisfeito	90%
	Um pouco satisfeito	10%
	Não fiquei satisfeito	-
2. Como você avalia a qualidade das informações apresentadas durante a oficina?	Muito satisfatórias	100%
	Pouco satisfatórias	-
	Insatisfatórias	-
3. Você acredita que a oficina atendeu às suas expectativas em relação ao conteúdo abordado?	Não atendeu às minhas expectativas	-
	Parcialmente atendeu às minhas expectativas	30%
	Atendeu totalmente às minhas expectativas	70%
4. Em relação ao material didático utilizado (aulas, vídeos, folder explicativo), conseguiu atingir suas expectativas?	Não atendeu às minhas expectativas	-
	Parcialmente atendeu às minhas expectativas	20%
	Atendeu totalmente às minhas expectativas	80%
5. Em que medida você acha que a oficina contribuiu para o seu conhecimento sobre disfagia e manejo alimentar de indivíduos com necessidades especiais?	Contribuição significativa	100%
	Contribuição mínima	-
	Nenhuma contribuição	-
6. Fique à vontade para realizar críticas ou sugestões em relação às oficinas oferecidas:	Não responderam	40%
	Forneceram feedback	60%

Fonte: Elaborado pelos autores

4. DISCUSSÃO

A educação em saúde é um componente fundamental na promoção, proteção, manutenção e recuperação da saúde, além de desempenhar um papel crucial na prevenção de agravos (SILVA et al., 2017). Nesta pesquisa observou-se que a capacitação dos educadores por meio de oficinas educativas resultou em um aumento significativo no entendimento sobre a disfagia

e nas práticas de cuidados alimentares destes indivíduos. Essa transformação é indicativa de que, quando os professores são adequadamente informados, não apenas melhoram a qualidade de vida das pessoas sob sua responsabilidade, mas também contribuem para a prevenção de complicações associadas a possíveis quadros de disfagia.

Indivíduos disfágicos frequentemente experimentam limitações funcionais significativas, resultantes de alterações nas estruturas envolvidas no processo de alimentação, que podem ser de natureza neurológica. Essas alterações não só afetam a capacidade de deglutição, mas também podem levar a complicações mais severas, como aspiração de alimentos, pneumonia e desnutrição, interferindo negativamente na qualidade de vida de forma ampla, trazendo impactos negativos relacionados a demandas emocionais, físicos e sociais (SANTOS et al., 2021).

A atuação da Fonoaudiologia é essencial em processos de educação em saúde, especialmente na disfagia, em casos que podem impactar significativamente a qualidade de vida dos indivíduos. O fonoaudiólogo é o profissional capacitado para essas demandas, uma vez que suas atribuições incluem a prevenção, avaliação, diagnóstico, habilitação e reabilitação funcional da deglutição, bem como o gerenciamento dos distúrbios associados (CCFa, 2010).

Os resultados deste estudo destacaram a importância da atuação fonoaudiológica na educação e capacitação dos educadores. Oito (80%) participantes afirmaram ter aprendido muito sobre as ações de manejo da disfagia durante as oficinas, o que demonstra um impacto positivo para a prática educacional desses professores, especificamente durante as refeições das pessoas que necessitam desses cuidados. Uma das participantes das oficinas comentou: *"Esclareceu sobre o assunto, muito bem explicado cada etapa, equipe maravilhosa"*, o que evidencia a eficácia das estratégias educativas utilizadas no âmbito fonoaudiológico.

O presente estudo também indica que antes das oficinas oito (80%) professores relataram não ter recebido treinamento prévio sobre o assunto. Este dado é alarmante e reitera o que a literatura aponta que tanto educadores formais quanto informais têm um conhecimento limitado sobre os cuidados necessários para pacientes disfágicos (CUNHA et al., 2020; PEREIRA et al., 2018; SANTOS et al., 2018).

No questionário de conhecimento aplicado após as oficinas, constatou-se que nove (90%) participantes relataram uma melhora significativa em sua compreensão do termo "disfagia". Essa mudança reflete a eficácia das intervenções educativas e reforça a importância da educação em saúde na capacitação dos educadores. Além disso, cinco (50%) dos respondentes relataram se sentir significativamente mais capazes de reconhecer os sinais de disfagia em pessoas com necessidades de cuidados especiais, mostrando que as oficinas não apenas

ampliaram o conhecimento teórico, mas também aprimoraram as habilidades práticas dos participantes. Dessa forma, a implementação de programas de educação em saúde é vital para fortalecer as habilidades dos professores, promovendo uma abordagem mais proativa na gestão da saúde das pessoas.

Essa abordagem multidisciplinar é fundamental para garantir uma gestão integral da saúde, refletindo na melhoria dos resultados clínicos e na qualidade de vida dos indivíduos afetados. Em relação à implementação de estratégias específicas para o manejo da disfagia, cinco (50%) dos participantes começaram a aplicar regularmente o que foi aprendido nas oficinas. Isso demonstra que as orientações recebidas não apenas foram absorvidas, mas também estão sendo efetivamente colocadas em prática. Dentre aqueles que implementaram as estratégias, todos os participantes consideraram as mudanças eficazes ou muito eficazes para o manejo alimentar de pessoas com disfagia, destacando a relevância das intervenções fonoaudiológicas. Portanto, a capacitação dos educadores, com foco na educação em saúde, é uma ferramenta poderosa que se alinha com as necessidades dos escolares disfágicos e educadores. Essa estratégia não apenas melhora o entendimento sobre a disfagia, mas também assegura que os educadores se sintam mais preparados e confiantes ao administrar os cuidados, contribuindo para um ambiente mais seguro e acolhedor.

Os dados do Questionário de Satisfação demonstraram um impacto positivo das oficinas, refletindo o engajamento e a motivação dos participantes. Esses resultados são significativos, pois indicam que a abordagem adotada pelos facilitadores foi eficaz em atender às necessidades dos participantes. A percepção de que as oficinas contribuíram significativamente para o aumento do conhecimento sobre disfagia e manejo alimentar revela a importância de profissionais motivados e engajados no processo educativo. O envolvimento ativo dos instrutores não apenas facilita a transmissão de informações, mas também inspira confiança e interesse nos participantes, promovendo um ambiente propício para o aprendizado.

Entre os pontos fortes da metodologia empregada, destaca-se o elevado engajamento dos participantes. Os educadores demonstraram interesse ao trazer dúvidas pertinentes e compartilhar experiências vividas, tanto no ambiente institucional quanto no familiar. Essa participação ativa foi essencial para o enriquecimento das discussões e adaptação do conteúdo às necessidades reais dos educadores. No entanto, uma limitação observada foi a quantidade reduzida de educadores participantes, sendo assim, é importante ressaltar que esses educadores foram selecionados com o objetivo de atuarem como multiplicadores de conhecimento, ou seja, espera-se que todo o conteúdo aprendido nas capacitações seja

compartilhado aos demais colegas de profissão, ampliando o alcance das informações e contribuindo para a melhoria do manejo alimentar na instituição. Segundo Freire *et al* (2019, p.103):

O cuidador é, também, um agente de transformação, pois possibilita uma medição entre o conhecimento historicamente construído e passado em sala pelo professor ao educando com base em seu acompanhamento, pois é com eles que as crianças costumam tirar dúvidas e demonstrar suas dificuldades.

Para auxiliar nesse processo de multiplicação de conhecimento, os aplicadores das oficinas disponibilizaram uma cartilha impressa com todas as informações e conteúdos ministrados durante o período de capacitação, além de cartazes de fácil acesso dispostos em murais e quadros de avisos na instituição, o que favorece o acesso rápido às informações.

Os *feedbacks* recebidos também foram relevantes. Embora a maioria tenha expressado satisfação, seis (60%) dos participantes trouxeram críticas e sugestões, destacando a necessidade de mais tempo para a prática e aprofundamento em algumas manobras específicas. Essas informações são cruciais para a melhoria e aperfeiçoamento contínuo das oficinas, evidenciando que o sucesso não se resume apenas à satisfação, mas também à capacidade de atender às expectativas e necessidades dos participantes. Isso reforça a ideia de que, para que o processo de ensino-aprendizagem seja verdadeiramente eficaz, é fundamental considerar as opiniões dos participantes e ajustar os programas conforme necessário.

Por fim, é importante ressaltar a escassez de trabalhos científicos disponíveis na literatura sobre a capacitação de professores no manejo da disfagia. Essa lacuna evidencia a relevância deste estudo, que busca não apenas preencher esse espaço, mas também fornecer uma base sólida para futuras pesquisas na área.

A escassez de artigos pré-existentes limita a disseminação de conhecimento sobre as melhores práticas de cuidados para indivíduos com disfagia e sublinha a importância de iniciativas educativas como esta. Assim, a motivação e o engajamento dos profissionais são elementos essenciais para o sucesso das oficinas, pois, quando os facilitadores estão comprometidos com a qualidade do ensino e dispostos a adaptar suas abordagens com base no feedback dos participantes, a eficácia das intervenções é maximizada.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo evidencia a importância da capacitação de educadores no manejo alimentar

de pessoas com necessidades especiais em uma instituição de ensino. Por meio das oficinas temáticas e lúdicas houve uma evolução significativa no conhecimento dos participantes sobre sinais, sintomas, cuidados e estratégias para minimizar os riscos associados à disfagia.

A multiplicação do conhecimento é uma excelente ferramenta que permite a continuidade do aprendizado e o alcance de um número maior de profissionais na área de educação especial, contribuindo para a segurança e bem-estar dos indivíduos com disfagia durante os momentos de alimentação.

REFERÊNCIAS

CABRE, M.; SERRA-PRAT, M.; PALOMERA, E.; ALMIRALL, J.; PALLARES, R.; CLAVÉ, P. **Prevalence and prognostic implications of dysphagia in elderly patients with pneumonia.** Age Ageing, v. 39, p. 39-45, 2010.

FREIRE, K. M. A.; BRITO, M. D. O.; SILVA, H. B. **Acessibilidade e inclusão: a importância do cuidador de crianças com deficiência física na escola.** Revista de Administração, v. 4, 2019. ISSN 1806-0714.

JOTZ, G. P.; CARRARA-DE ANGELIS, E.; BARROS, A. P. B. **Tratado da deglutição e disfagia no adulto e na criança.** Rio de Janeiro: Revinter, 2009.

LEONOR, V. D. et al. **As contribuições da educação continuada em disfagia orofaríngea para a assistência de enfermagem pediátrica em um hospital de ensino.** Revista CEFAC, v. 17, n. 5, p. 1531-1540, 2015.

MAGGIONI, L.; ARAÚJO, C. M. T. **Guidelines and practices on feeding children with cerebral palsy.** Journal of Human Growth and Development, v. 30, n. 1, p. 65-74, 2020.

MUNIZ, S. M.; MUNIZ, R. F.; VIANA, T. V. **Formação de cuidadores familiares de pessoas com deficiências: avaliação do projeto Cuidando & Humanizando em Jijoca de Jericoacoara-CE.** Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 13, n. 3, 141-157, 2017.

PASCHOAL, A. S.; MANTOVANI, M. F.; MÉIER, M. J. **Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 41, n. 3, p. 478-484, 2007.

QUEIROZ, D. B.; ARAKAWA-BELAUNDE, A. M. A. **Cuidadores e fonoaudiologia.** Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde, v. 20, p. 127-136, 2018.

SILVA, C. P. et al. **Elaboração de material educativo sobre disfagia orofaríngea em idosos.** Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 28, e124860, 2023.

SILVA, Kévvvia Dawlay Lima Da et al. **A capacitação dos cuidadores e sua implicação na construção de uma educação inclusiva.** in: congresso nacional de educação (conedu), 7., 2020, João Pessoa. Anais. João Pessoa: conedu, 2020.

CUNHA, Divany Guedes Pereira et al. **Alimentação e Comunicação: Vídeo para Orientação de Cuidadores de Idosos.** Revista brasileira de ciências da saúde, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 147-158, 2020.

SANTOS, Bianca Paixão et al. **Disfagia no idoso em instituições de longa permanência -revisão sistemática da literatura.** Revista CEFAC, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 123-130, 2018.

PEREIRA, Karina de Fatima Portela de Oliveira et al. **Atenção à disfagia orofaríngea no home care: gerenciamento fonoaudiológico. Estudo de validação de aparência e conteúdo de um manual de orientação.** Revista CEFAC, [s.l.], v. 20, n. 5, p. 640-647, 2018.

ARVEDSON, J. C. **Feeding children with cerebral palsy and swallowing difficulties.** *European Journal of Clinical Nutrition*, v. 67, n. 2, p. 9-12, 2013.

FELIX, V. N. et al. **Disfagia Orofaríngea e Implicações Nutricionais.** In: WAITZBERG, D. L. *Nutrição Oral, Enteral e Parenteral na Prática Clínica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2017. Cap. 144, p. 2275-2301.

PERNAMBUCO, L.; LIMA-FILHO, L. M. A.; ALVES, G. A. S.; VASCONCELOS, M. L. **Desenvolvimento alimentar de crianças com microcefalia: estudo descritivo.** *Revista Cefac*, v. 2, p. 3-14, 2021.

SASEGBON, A.; HAMDY, S. **The anatomy and physiology of normal and abnormal swallowing in oropharyngeal dysphagia.** *Neurogastroenterology & Motility*, v. 11, p. 29-31, 2017.

SULLIVAN, P. B. et al. **Prevalence and severity of feeding and nutritional problems in children with neurological impairment: Oxford Feeding Study.** *Developmental Medicine & Child Neurology*, v. 42, n. 10, p. 674-680, 2000.

ZAPATA, L. F. G.; MESA, S. L. R. **Alimentar y nutrir a un niño con parálisis cerebral: Una mirada desde las percepciones.** *Investigación y Educación en Enfermería*, v. 29, n. 1, p. 28-39, 2011.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.